

ATENÇÃO PSICOLÓGICA EM INSTITUIÇÃO: PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO CARTOGRAFIA CLÍNICA*

Heloísa Antonelli Aun** · Henriette Tognetti Penha Morato***

A prática psicológica em instituição diz de demandas variadas que, de certa forma, perpassam por uma atenção psicológica. O termo *atenção* começou a ser utilizado por nosso laboratório, o Lefe, por sua amplitude de significados:¹ concentração, zelo, dedicação, disposição, mostrar, alertar, olhar, ouvir, sentir e, sobretudo, cuidado. De origem no latim, *atenção* remete à *aplicação do espírito*, compondo-se por a (para, em direção a) e *tendere*, com sentido semelhante a clínicar: inclinar-se.

A atenção se faz clínica pela atitude de inclinar-se ao outro. Dessa forma, desde a porta de entrada de uma instituição, a atenção psicológica se apresenta em pequenos contatos despretensiosos, fazendo-se escuta clínica: um modo de ser psicólogo clínico em meio às relações entre sujeitos no cotidiano social. A partir desses contextos, percebe-se que o contexto institucional apresenta-se como uma organização social. Assim, a prática clínica acompanha esse modo de apresentação, infiltrando-se entre relações para oferecer atenção e cuidado àquele que adoece pela e/ou na rede social. Isso porque a instituição não comunica seu sofrimento; ela é falada, ou seja, é sujeito

ou ator social, parte constituinte e constituída pela organização social quem solicita uma ação clínica. Nesse sentido, não se pretende que tal prática atue na análise ou transformação institucional, mas sim se compreende a intervenção clínica e social *na* instituição: um ser e estar inserida no contexto, silenciosamente intervindo e transformando sem ferir a rotina instituída.

Nesse contexto, no enredo de uma prática psicológica contextualizada em instituições, a perplexidade, o mistério e a curiosidade tornam-se fundamentais para que se possa ir pelos vestígios deixados por atores institucionais. Trata-se de vestígios que apontam ao psicólogo o passo a ser dado a seguir, revelando uma prática em constante *destinar-se*.

Buscar o desenredo de uma prática psicológica em instituições permite perceber uma possível articulação entre três modos de leitura: *social*, *Psicologia* e *clínica*. Num relance inicial, *social* poderia ser compreendido como o meio que se interpõe entre *Psicologia* e *clínica*, constituindo um enredamento que possibilitaria uma prática real, contemplando toda a pluralidade e singularidade de ser *humano*, já que implicaria *con-viver* entre homens. Atento, o *clínico* considera o *social* ao mesmo tempo plural, como o fundo de um quadro, e singular, na figura que se mostra. Dessa forma, olhar o humano como *co-existente* é poder também *con-figurá-lo*. Uma ação *social* e *clínica* revelar-se-ia como *clínica* pelo modo de convivência, atuando em situação, junto ao ator social e à instituição na qual se insere, pelo modo de se compreender ser a prática psicológica como uma ação em ação.

*Este capítulo foi extraído de Aun, HA: *Uma Crônica Inviável como o Trágico Averso do Mundo dos Homens: Narrativas de uma Prática Psicológica numa Instituição para Adolescentes Infratores*, 2005. Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O texto recorre à apresentação da pesquisadora principal, referindo-se à sua própria experiência no desenvolver da pesquisa; então, por vezes, o tempo verbal aparece na 1ª pessoa do singular.

**Pesquisadora principal.

***Orientadora da pesquisa.

¹Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (<http://houaiss.uol.com.br>, consultado em maio/2005).

Por essa perspectiva, há a Psicossociologia,² nascida, principalmente, de sociólogos afetados pela incômoda forma de compreender os atores sociais aos quais se referem. Para Sévigny (2001), a abordagem experimental é de grande acréscimo para a ciência; entretanto, pouco colabora com os sujeitos de quem fala. Dessa forma, a abordagem clínica, pelo modo de estar *junto ao leito*, além de fazer suas teorias a partir de uma ação situada, contribui para mudança social, na medida em que suas reflexões são compartilhadas e debatidas com atores sociais que vivem as relações pensadas pelos protagonistas da ciência.

Nesse sentido, fazendo uma distinção entre as abordagens experimental e clínica das ciências humanas, Robert Sévigny (2001) refere-se ao termo *clínica*, expresso em chinês por dois caracteres: “perto de” ou “em face de” e “leito”. Contudo, para além de próximo ao leito, “o clínico em ciências humanas se coloca também ‘*junto ao leito*’: ele trabalha principalmente **no campo**” (p. 17, destaques nossos). Seu olhar dirige-se não apenas à compreensão de problemas demandados, mas também à sua compreensão pelos seus interlocutores. Dessa forma, “**junto**” e “**no campo**”, o clínico constrói e comunica seus conhecimentos.

Na singularidade do campo, Sévigny (2001) compreende a clínica como decorrente não de uma teoria particular, mas sim de uma abordagem particular. Nessa perspectiva, as teorias são uma via de conhecimento e ação, na qual o fio condutor é a própria situação de intervenção. O conhecimento é construído a partir da ação com o outro. Para Lévy (2001), destacando a não-dominação de saber do clínico, na abordagem clínica em ciências humanas, esse outro se apresenta como sujeito em posição e pela autenticidade de palavra. Por essa ótica, distancia-se da triplicidade na medicina clássica: diagnóstico, prognóstico e prescrição, pois, intransferível e dificilmente comunicado (FIGUEIREDO, 1993), o fazer do ofício do psicólogo é seu próprio conhecimento, no qual as teorias estão impregnando e impregnadas misturadamente em nossa ação.

Tal direção, perseguida por algumas ciências humanas, inspiradas na perspectiva fenomenológica, contribuiu para “reinsserir o sujeito e a relação intersubjetiva no ato do conhecimento, quer dizer, no movimento que permite a um sujeito apreender, ou ‘compreender’ uma totalidade significativa, na qual ele mesmo está incluído” (LEVY,

2001, p. 12). Solicita ao clínico não apenas um deslocamento de um turista, mas um caminhar de um viajante-marinho, entrelaçando-se nas narrativas dos nativos. Assim, para Lévy, a abordagem clínica:

supõe uma *démarche*, da parte do terapeuta, interventor ou pesquisador, caminhando às cegas, nesse “espaço” que lê conhece pouco ou nada, e esforçando-se para escutar aqueles que tenta compreender, especialmente em seus esforços para dar sentido a suas condutas e aos acontecimentos que tecem sua história. O lugar do trabalho clínico corresponde a uma situação concreta e um tempo vividos – e não uma atopia, como desejariam as ciências positivas. (p. 20)

O termo *démarche* manteve-se em francês na versão brasileira dos textos desse autor. O substantivo *démarche*, em português, seria *modo de andar, passo*. Do francês antigo (BURTON-VINHOLES, 1953), o verbo *démarcher* comporta especificidades desse *andar*: *dar os primeiros passos (a criança)*. Ou, ainda, para o Dicionário Larousse (1968), *démarcher* seria *fazer marcas com os pés*.

Como compreender “*démarche* clínica”? Para além de elaborações teóricas, ao pesquisador/terapeuta:

[...] é-lhe necessário facilitar e tomar parte da construção do sentido dado pelos sujeitos a sua própria história, e, para isso, ser capaz de admitir o mais inverossímil, o mais inesperado, o mais incompreensível, resistir, pois, a qualquer tentativa de reduzi-lo ao já conhecido, ou ao já visto, ou rejeitá-lo como sem interesse. Para isso, ele deve saber que ele é mesmo, enquanto sujeito, com sua complexidade e suas zonas de sombra e questionamentos próprios, o agente desse trabalho. (LEVY, 2001, p. 21)

O sentido/significado de *démarche* clínica como *primeiros passos de uma criança* parece comunicar um dispor-se para uma clínica que solicita o espantar-se, resgatando a atenção curiosa de uma criança a cada novo espaço que se dá a conhecer. Fala, também, da perplexidade de uma aprendizagem, feita através da experiência do gozo de cada conquista: passo a passo. Marcando suas pegadas e deixando-se marcar pelo território, a *démarche* clínica seria a ação conduzida pela atitude do clínico, em relação tanto a seus interlocutores quanto a seu saber e sua elaboração.

²Em 2001, no VII Colóquio Internacional de Sociologia Clínica e Psicossociologia, realizado em Belo Horizonte, aproximamo-nos de alguns pensadores, principalmente franceses, também debruçados ao entrelaçamento entre clínica e social.

A CARTOGRAFIA: O POSSÍVEL DESVELAR DE UM MODO

A "cartografia se faz ao mesmo tempo em que o território" (ROLNIK, 1989, p. 6). Diferentemente do mapa, que contorna territórios já estabelecidos, a cartografia atravessa o tempo, nasce dos movimentos geográficos da terra, acompanha e se faz nas transformações da paisagem, criando história. Dessa forma, o cartógrafo não pretende estabelecer verdade; "tem a pele marcada por todos os encontros que faz em seu nomadismo" (p. 10), vive buscando alimentos para compor cartografias, descobrir afetos e criar linguagem e sentido em redes de expressões mescladas, que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender.

De acordo como Morato (1999, p. 63), "O cartógrafo quer participar, constituir realidade. Seu movimento é de entrega para descobrir e inventar. Seu corpo é deixado vibrar nas várias frequências possíveis para encontrar sons, canais de passagem, catona para viver a existência". No trançar de corpos, cartografar é dar voz, aquela que parte da reflexividade de nosso olhar com muitos outros. E, num recar constante, a instituição se desvela em cada gesto, em cada palavra, em cada sensação de incômodo ou constrangimento.

Como registro de viajante que desvela territórios, a cartografia também solicita um diário de expedição, um diário de bordo. Entre o olhar e ser visto, num emaranhado de sensações, de que se faz o diário, a cartografia se anuncia. Para Rolnik (1987, p. 6), "o diário de expedição registra e, ao mesmo tempo, inventa as cartografias que vai descobrindo". Permanecer atento, registrando o tão complexo encontro com o outro e, assim, inventando a cartografia. E, na medida em que se emaranha pelas redes instituídas, o clínico é convocado a responder por seu próprio sentido.

Segundo Guimarães Rosa (1962), rede são buracos arados por fios, do mesmo modo que a demolição é a construção de um terreno, que tecidos para remendos são comprados pela corte dos buracos. Quer dizer, o sentido da rede é comunicado pelo humor, cuja propriedade é revelar a "graça" que grassa na linguagem: a sabedoria em abrir outras perspectivas possíveis para o sentido do mundo, ao encaminhar-se pela desconstrução do lógico como única verdade (MORATO, 2002). Convocado por seu próprio sentido no desvelar de redes, fazendo-se matcat, a cada passo, o viajante a terras desconhecidas também

deve receber o cuidado clínico em sua peregrinação. Como atenção àquele que oferece seus pés, a prática psicológica em instituição também convoca um supervisor de campo.

A supervisão de campo apresenta-se sempre próxima ao clínico-viajante. Mas não apenas como um campo de apoio ao cuidador no campo, mas de cuidado ao campo. Com o olhar externo para as relações internas instituídas, uma especificidade de tal supervisão está numa visão ampliada que também auxilia o respeito e cuidado com a rotina da instituição, permanecendo atenta aos impasses e intracruamentos da intervenção clínica.

Diário de Bordo: Registro e Narrativa

*Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas.
Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados.*

Clarice Lispector

Diários são marcas em forma de escrita – depoimentos rememorados. Escrever é comunicar, é narrar. Um Diário de Bordo é feito por um protagonista, a próprio punho, disposto a compartilhar uma experiência. Comunicando algo vivido e sentido, um diário é como um tecer de muitas histórias interligadas. Histórias estas também tecidas por entre outras narrativas. Mas narrar é também deixar sangrar, recordando palavras que se deixaram marcar como estilhaços de vidro ainda correntes.

Nas palavras de Clarice: "Não, não é fácil", porém faz-se necessário lançar "faíscas e lascas como aços espelhados": narrar é preciso. A narrativa é necessária; é história, e história, para ser história, precisa ser contada, compartilhada. E o compartilhar, o dizer, é a própria condição do existir do ser homem. Não, não é fácil. Não é fácil porque não são quaisquer faíscas e lascas que voam pela recordação; são faíscas e lascas como aços espelhados. Aços que, pela característica de espelhados, contemplam o refletir, o mostrar, o anunciar, o denunciar: o mundo em torno, os outros, nós mesmos.

Assim, Diários de Bordo não são apenas possibilidade de restituição da historicidade de uma pesquisa; são, também, o narrar a biografia da experiência de um profissional, na perspectiva de quem comunica como ocorreu o revelar-se do outro a esse profissional/pesquisador. Embora única, sua biografia contempla as diversas outras que a ela se entrelaçaram. É desse modo que tal forma de registro transpassa um simples relatório descritivo; diz da experiência vivida de cada um, sem que nela tudo se exiba pelo "mesmo

estatuto; os 'agoras' cercam-se dos 'já não' que assinalam o que há de trânsito e pode haver de perda e de imprevisto" (FIGUEIREDO, 1997, p. 10), desvelando o modo de ser humano numa temporalidade outra, não-cronológica. Escrever diários são momentos de criação de sentido, testemunhando-se como registro plural e único.

A Psicologia clínica remete à narrativa de sujeitos sociais como registro dessa experiência, plural, única, extemporânea *a posteriori*. "Tendo como fonte o vivido ou a experiência direta", a narrativa "torna todos, e cada um, autoridade, no sentido de que cada um, e todos, enquanto portadores do vivido, estão autorizados a falar: faz circular a palavra, concedendo a cada um e a todos o direito de ouvir, de falar e protagonizar o vivido e sua reflexão sobre ele" (MORATO e SCHMIDT, 1999, p. 127). Contudo, para Figueiredo (1998), a questão crucial posta por Benjamin diz da precariedade da experiência como narratividade, tanto como sabedoria transmissível quanto como vivência íntima afetiva. Mas, ainda que considerando tal problematização da presentificação da realidade na experiência do "contar", seria possível tomar um Diário de Bordo como a autenticação de cada autor, marcada a próprio punho em sua narrativa, do plural e único vivido e sentido.

Privilegiando a experiência humana como criação de sentido para o sujeito, e considerando sua constituição em situações, uma forma de contemplá-la é por diários de bordo como depoimentos colhidos através da sua escrita. Para isso, recorre-se à narrativa como forma de expressão afinada com a pluralidade de conteúdos da situação e da temporalidade outra, apresentando-a como possibilidade para elaborar e comunicar (SCHMIDT, 1990) o sentido da experiência vivida, a partir de evocação ambígua de si em si mesmo, entre as brechas de ausências presentes (FIGUEIREDO, 1998).

Um diário é narratividade, o modo próprio de se dizer do homem, lançando-se de seu repouso em direção ao sentido de si mesmo, como ação de dizer. Diferentemente da narrativa oral, o diário de bordo imprime marca dos vestígios do vivido pelo escrever. Para Amaral (2000), uma escritura torna-se independente de seu autor e, ao mesmo tempo em que marca essa ausência, funda um outro tipo de presença: a possibilidade de se dar a ver como sentido originário. Dessa forma, o texto pode ser compreendido como trânsito: nem passado nem presente; é possibilidade, aguardando trilhas outras a serem abertas, futuras interpretações, como outras marcas possíveis a serem deixadas.

É precisamente pelas aberturas deixadas por cada diário lido que se fez um convite para basear o método desta

investigação: *in* (por dentro) + *vestigium* (vestígios). Já do grego *métodos*, método refere-se ao caminho trilhado para encontrar algo. Dessa forma, pretendo percorrer os traços de diários de bordo, *per-correr* os tiscos: correr risco.

Durante um curso ministrado no Instituto de Psicologia da UERJ, René Lourau (1993) expôs algumas considerações sobre sua investigação acerca do Diário da Pesquisa. Segundo o autor, o reconhecimento e validação da instituição acadêmico-científico de um pesquisador tornam inseparáveis a pesquisa de sua redação. Entretanto, essa escritura marginal – o diário –, que restitui "não o *como fazer das normas*, mas o *como foi feito da prática*" (p. 77, destaques do autor), é excluída da produção de um texto que precisa ser legitimado institucionalmente. Isso acontece porque o diário seria aquele que denuncia a intimidade do autor e, portanto, deve ser recusado pela ciência. Dessa forma, "a escrita quase obscena, violadora de neutralidade" (p. 71), foi nomeada por Lourau como *fora do texto*, uma redação marginal, uma escrita colocada *fora de cena* da oficial escritura.

Em suas investigações, Lourau (1993), ao ler os diários secretos de Wittgenstein, publicados clandestinamente, notou que trechos de suas obras publicadas foram derivados ou são passagens inteiras dessas anotações. Ao se referir ao *Diário* de Ferenczi, publicado meio século depois de sua escrita, comenta como continha relatos impressionantes que surpreenderam a própria psicanálise, instituição baseada em *não-ditos* ou *inter-ditos*. "Em seu diário, Ferenczi diz coisas que não deve dizer" (p. 73). Escrito em seu último ano de vida, o diário anunciava um distanciamento de Freud e desvelava seus sentimentos e dúvidas em sua experiência com a análise mútua. Lourau (1993) ainda adverte que:

A vivência mais íntima do pesquisador se encontrar em contradição com seu texto institucional, ou com as suas posições políticas, é algo muito incômodo. Então é preciso salvar a imagem não-contraditória do pesquisador e, conseqüentemente, da pesquisa. É preciso negar a contradição existente nele, em nós e em todos. É preciso, ainda, recorrer à lógica identitária, numa óbvia recusa a quaisquer análises desnaturalizadoras (institucionais). (p. 73)

Tal lógica identitária é resultado da tradição científica ocidental, na qual se criaram as diversas crenças daquilo que seria o ser, confinando o mundo numa única inter-

pretação, estreitando sentidos, limitando possibilidades do pensar, do indagar, indicando uma verdade única e absoluta (HEIDDEGER, 1927). Para Nancy Unger (1991), o Ocidente, na história do conhecimento, opera uma ruptura que aprisiona o sentido no significado, o múltiplo no uno, instalando uma dicotomia entre homem (sujeito) e mundo (objeto). Tal *de-cisão* histórica exclui a ambigüidade tensional inevitável entre razão e mistério, ciência e poesia, negando, por anulação, a incerteza como também possibilidade verdadeira.

A perspectiva fenomenológica existencial encontra, pela tensão, um modo de recuperar o olhar da perplexidade: a irrupção do oculto, do mistério insondável, enigmáticamente provocando o descentramento desse olhar. Olhar de espanto encontrando híbridos, mesclados e mestiços fora e dentro de si mesmo. Segundo Figueiredo (1995), desvela o olhar plural, que toca e é tocado, simultaneamente vê e é visto por todos iguais/diferentes: reflexividade plural-única, expondo toda a singularidade como sujeito, captando-se pela diversidade da alteridade.

Ao recorrer a Diários de Bordo como vestígios pelos quais se percorre uma *investigação*, recuperam-se modos constituintes de subjetivação singularizada. Como num jogo de espelhos, busca-se uma reflexão compreensiva do sentido operante nos autores/atores participantes do espetáculo, partindo do próprio encontrar-se (experienciação e elaboração da experiência) para comunicar o vivido como um acontecimento. Recupera-se o sentido da experiência através da narrativa, também como forma de comunicação social e transmissão de saberes coletivos, através da qual a palavra circula sem o aprisionamento da fala especializada (BENJAMIN, 1985).

O diário é um exercício cotidiano de escrever sobre o cotidiano. É o momento de escritura aberto para o singular, para a criação – construção e desconstrução. É um jogo reflexivo de espelhos. No romance de Lewis Carroll, o espelho mágico de Alice permite o andar no sentido inverso, o se perder na própria identidade ou na busca de uma redireção. Mas qual o inverso de um jogo de espelhos? Ao mirar espelhos, não será somente contemplada nossa imagem: “vemos refletidos nós e outros, ou melhor, em nós os outros e nos outros nós mesmos”. Uma mistura que aponta para a comunicação e diz de um “entrelaçamento entre observador e imagem, nós e os outros, e da disposição estética das mútuas mudanças, resultantes” (MORATO et al., 1999, p. 232).

É nesse jogo de imagens que surgem as lascas de aços espelhados, referidas por Clarice para a ação de escrever...

Entretanto, devo acrescentar que muitas lascas tornaram a voar no momento de revisitar:

O que são diários? São uma ou duas, às vezes nove, dez páginas escritas. São muitos... são densos. Alguns escritos à mão, outros impressos em folhas de rascunho: rascunhos... rascunhos de medos... desabafos... encontros... rascunhos de um grito. Tenho aqui esparramadas centenas de folhas... milhares de palavras! Como podem dizer tanto? Entre linhas tenho ora um nó na garganta, ora um sorriso nostálgico.

Coragem a nossa! Como pudemos propor ao outro (tantos outros) a entrada neste labirinto!

Começo com as primeiras impressões. Trilha sonora; *Pulp Fiction*.

Agora, a trilha sonora de *Blue* traz o som do grito embotado daqueles que passaram pela unidade invasora de todos os territórios. Sentimento: culpa!³

Denunciador de angústias e momentos de desamparo na e da prática, o diário relata sentimentos e dúvidas provocados pela arriscada experiência do encontro. Assim, recorrer aos diários de viagens para reconstituir a experiência vivida da prática abre brechas para se mostrarem, em entrelaçares espelhados, também os lugares por onde protagonista/viajantes, deste e de outros tempos, passaram e as aventuras que viveram.

OS TERRITÓRIOS DE UMA EXPERIÊNCIA

... no grupo [...] temos referido muito mais a nós mesmos na entrada em um trabalho tão peculiar. Assistimos ao filme *Instinto* e lemos a parte do livro *Filosofia mestiça*, de Settes. Pudemos discutir basicamente da possibilidade de abertura para experiências desconhecidas. Toda a discussão a respeito de abertura para a experiência me assustava. Não apenas a mim, sentia a aflição também em alguns de meus colegas. Talvez um medo de sentir-se nu ou ingênuo e ser atacado por isso.

³Trata-se de um diário do reencontro com diários, um de muitos que, no fazer de minha dissertação, eram inventados na experiência do retorno do viajante.

No decorrer da escrita/narração de minha dissertação, utilizei como utensílios poemas, contos, longas-metragens e outros; tudo como forma de comunicar, clarear ou aproximar o leitor/ouvinte da minha compreensão. Dessa forma, aproximei minha narrativa da prática realizada em supervisões ou nos próprios diários, já que utilizávamos esse modo de expressão para buscar uma compreensão do que parecia ser incomunicável. Assim também introduzimos cada estagiário/plantonista no campo: um conto, um filme. Ao longo deste capítulo, será por esse caminho que pretendo introduzir o leitor para a prática aqui referida. O conto é *Laicidade*, de Michel Serres, e o filme, *Instinto*.

Dessa forma, oscilando nos papéis de leitor/ouvinte ao revisitar diários/narrativas e de autor/narrador na construção de novas escrituras, feitas através de um mosaico de diários escritos por diferentes narradores/autores em diferentes tempos, apresentarei impressões mescladas e marcadas, mas que compartilham o impacto inicial do primeiro contato com a Febem. Minha intenção foi fazer um novo diário contemplando diferentes experiências vividas por cada sujeito; visando contemplar a experiência de contato com o estranho, ele mesmo e em nós, sua apresentação se fará por uma polifonia de vozes que dizem o singular do que foi visto e vivido, como que um mosaico para conduzir ao sentido desse trabalho na Febem, partindo de olhares laicos desse contexto institucional.

O Filme

No caminho, passamos por um portão de grades e vimos os meninos em fila. Ouvimos um burburinho... Cobri meus ombros.

Instinto (EUA, 1999) conta a história de dois cientistas: um antropólogo e um psiquiatra. Depois de estar desaparecido em matas africanas, onde realizava estudos com primatas, o antropólogo Dr. Ethan Powell, preso por ter assassinado três homens e acusado de comportar-se com violência *desumana*, aguarda julgamento em um manicomio judiciário, imerso num silêncio autista. Instigado com a repercussão que o caso requer e vislumbrando na história do antropólogo uma possibilidade para alavancar sua carreira, o psiquiatra Dr. Theo Calder se oferece ao desafio. Inicia-se, assim, pela relação estabelecida entre ambos; a compreensão de uma outra articulação: cientista e conhecimento.

Esse filme foi revisitado por nós em vários momentos do trabalho. Entretanto, deixo aqui as primeiras marcas deixadas por ele: a forma como acontecia a relação “médico-paciente” pareada a *flashbacks* do relato do Dr. Powell aproximando-se dos gorilas. Para tal, destaco a narrativa cientista-antropólogo:

Lá estava ele: o gorila africano, o líder! Há meses observava este grupo... mas nunca assim de perto... tão perto!... Foi magnífico! Assustador e magnífico!! Pensei que minha presença os deixasse nervosos... Mas não era isso... A câmera fotográfica os perturbava... Parei de usá-la... E... foi então... que os vi pela primeira vez... Será que sentiam a minha falta à noite?... este homem que os observava fora do grupo?... Eles pensariam em mim?... Eu pensava neles e sentia a falta deles... Eu gostava deles!... Até precisava deles! A cada dia... pareciam permitir que me aproximasse mais... Fiquei feliz com a minha lenta jornada ao encontro deles... Senti-me privilegiado... Senti-me como se estivesse voltando para algo que eu perdera há muito tempo e que só agora me lembrava... De repente... aconteceu: eu não estava mais fora do grupo!... Pela primeira vez... eu estava entre eles!... [...] Não “um deles”!... não um gorila... Você não vê?? Aceitaram um homem!... [...] Aceitaram um ser humano entre eles!...

Essa narrativa conta a recuperação do olhar com os próprios olhos, curioso e instigado, que o aproxima do que se dá a conhecer, e o olhar mediado por lentes de máquina fotográfica que parece guardar uma distância protetora na medida em que assusta o outro. A curiosidade conduz o cientista a resgatar seu modo próprio de ser no mundo “a olho nu”, “*como se estivesse voltando para algo que eu perdera há muito tempo e que só agora me lembrava*”. Algo que a ele demanda que suspendesse a intermediação, seu instrumento de trabalho, entre si mesmo e o que se propunha a conhecer, para trazer de volta algo perdido no homem: seu *Instinto* para conhecer, conhecimento tácito?

Primeira ida à Febem... Logo quando chegamos. A parada no portão: tivemos que parar o carro mostrar as bolsas – mostrar RG, abrir o porta-malas do carro (que eu não havia nunca imaginado – e depois no outro portão – detector de metais-

nada mais – não me surpreenderam muito, era a segurança do local.

O espaço físico me surpreendeu. O prédio tinha pintura recente com cores diferentes do cinza que eu imaginava (variando do bege ao azul), paredes limpas, nenhuma marca impressiva, nenhum cadeado gigante, nenhum tipo de barras... interessante ver como o estereótipo de uma cadeia é forte em meu imaginário e, de repente, quando me vejo dentro de uma que se parece uma escola, acredito de imediato que os internos são bem tratados e levam uma vida tranqüila. Estranho pensamento? Visão deturpada? Acho apenas ignorância. No sentido de nunca ter imaginado outra Febem além daquela que vemos toda semana no *Jornal Nacional*.

Na ausência de “cadeados gigantes”, a primeira ida a uma unidade de internação foi marcada, quase que antes mesmo da entrada, por um choque de “cores”, causada pela tensão entre o que imaginávamos e o que encontramos. “Estranho pensamento? Visão deturpada?” Qual o limite para encontrar nosso olhar limitado? Num primeiro momento, as possibilidades foram o confronto entre as “cores”, previamente atribuídas pelo imaginário, e a estranheza e o incômodo provocados pelo colorido real. Estariam tais estereótipos indicando a tensão própria do significado de uma instituição para jovens infratores: “cadeia ou escola”? Descobrir as lentes, usadas inicialmente, e por essa descoberta poder suspendê-las, possibilitou encontrar o “azul” e o “amarelo” de uma escola, embora pudesse não evitar a visão das “cores sem vida” do cenário.

Hoje em dia eu penso na Febem ainda cinza e cor de cimento... Por isso... é muito estranho lembrar de todas essas cores... Acho que tem a ver mais com a sensação geral do lugar... as *vibes* do lugar... sabe?... vibrações... do que o prédio em si.

Tiradas as lentes, é possível ver o real, não só depois de tempo. A primeira vez, a primeira visita, sempre será a primeira tatuagem, embora não pintada por cores:

...pelo caminho notei que estava olhando, mas não via. Depois de uma parada triunfal, comeci a perceber que, mesmo sabendo o que era uma Febem, aquela que eu queria “imitar”, em nada me serviria caso acontecesse alguma coisa. Foi aí que eu me relaxei e comeci a ver o que estava

acontecendo à minha volta: um monte de meninos curiosos em saber quem eu sou, como sou (fisicamente) e por que estou ali.

Como compreender essa “experiência do antropólogo” e dos estagiários? De que se trata abolir lentes para ver melhor aquilo que se mostra e que nos provoca a contatar para conhecer? A entrada em unidades de internação na Febem aconteceu com este cuidado: atenção à máquina fotográfica existente em cada um, para colocá-la *fora da ação*. Compreender e explicitar o olhar, encontrando em si expectativas, experiências passadas, preconceitos... os lugares por onde andou. Conhecer através do olhar do outro e do próprio olhar com toda carga valorativa. Ser estrangeiro em seu próprio país... Ser um estrangeiro em si.

Holzer (1998) aponta para a tragédia de nossa história e geografia terem sido pautadas pela visão do estrangeiro diante da voz emudecida dos nativos. A narrativa do Dr. Powell aponta a possibilidade de nos aproximarmos do outro/diferente também como outro/diferente, com todo o envolvimento, energia e lembranças que a prática absorve de nós. Dar voz aos nativos, cuidando para não fazer do outro estrangeiro em seu próprio país.

O Conto

Alguns meninos estavam vendo desenho animado na TV. Que cena! “Os pedrinhas se divertem”, segundo Paco... Só eles? Paco também estava lá. Quem são estes meninos afinal? Começamos a falar de dobradura em papel. Quando eu cantei baixinho: “cai, cai, balão”, ele olhou para mim e continuou a cantiga. Contou que quando estava na creche ouvia muitas cantigas. Começamos a relembra algumas... Ninguém pode imaginar o que é um cara da malandragem e do crime cantando: “o sapo não lava o pé. Não lava porque não quer. Ele mora lá na lagoa. Não lava o pé porque não quer”. Paco parecia uma criança e lembrava da mãe cantando para ele. Até que chegamos às histórias infantis. Começou a contar a história da Chapeuzinho Vermelho: “... aí o Lobo colocou na Chapeuzinho... o Lobo pegou uns atalhos e chegou antes. Aí o Lobo Mau xepou a vovozinha...” e ele contou a dos três porquinhos: “Os dois porquinhos na galinagem e outro lá no maior trampo,

fazendo a casa de tijolo... etc.” [...] E pensamos como todos os acontecimentos daquela manhã – o desenho animado, o pátio que se parecia com a creche, as cantigas, as histórias... – eram coisas que a gente carrega com a gente na memória...

Para Morato (1999, p. 63), “o cartógrafo marca sua pele através dos encontros que fez em sua peregrinação”, das coisas que a gente carrega com a gente na memória. Pele tatuada... assim como um casaco Arlequim. Personagem da história de Serres (1991), Arlequim é um imperador que, ao voltar de uma inspeção a terras lunares, comunica a seu povo que em cada lugar visitado tudo é como o globo tetráqueo. Mas as roupas e o corpo do imperador anunciam o inverso:

Estupor! Tatuado, o Imperador da Lua exibe uma pele multicolor, muito mais cor do que pele. Todo o corpo parece uma impressão digital. Como um quadro sobre a tapeçaria, a tatuagem – estriada, matizada, recamada, tigrada, adamascada, mourisca – é um obstáculo para o olhar, tanto quanto os trajes ou os casacos que jazem no chão. Quando cai o último véu, o segredo se liberta, não complicado como o conjunto de barreiras que o protegem. Até mesmo a pele de Arlequim desmente a unidade pretendida por suas palavras. Também ela é um casaco de arlequim. (p. 3)

O clássico Arlequim é também aquele que carrega as marcas, os traços. Personagem da *comedia dell'arte*, antiga comédia italiana do século XVI, “*Arlecchino*” tem rosto mascarado e traje multicolor feito de retalhos. É um malandro apaixonado, um inconveniente engraçado, um brigão brincalhão; é o próprio conflito que não consegue desvincular a confusão de seus desejos, projetos e possibilidades. Cada cartógrafo pretende ser esse Arlequim confuso e marcado.

“Emprestando seu corpo ao mundo é que o pintor transforma o mundo em pintura” (MERLEAU-PONTY, 1963, p. 278). Cada narrador, autor desses diários, impactado, diz desse outro que o invade ao mesmo tempo em que se oferece também como denúncia da afetabilidade dos instituídos da instituição. Parece uma tarefa infinita descentranhar sentido de toda a narrativa desses diários. Um mosaico que, como registro de interpretações do vivido, solicita realização de sentido, aberturas de trilhas e clareiras. Interpretar esse casaco de arlequim seria trazer à

luz o olhar oculto – seria como que percorrer um labirinto de sombras espelhadas ou espelhos sombreados.

Segundo Benjamin (1985), a narrativa constitui-se pela articulação entre situação, linguagem e afeto, como um gesto que diz ao outro sem intenção explicativa. O narrar não comporta, assim, um ponto de chegada; apresenta-se como uma rede que se abre e se constrói – uma rede de sentidos; é abertura para possibilidades de interpretação e, dessa forma, um utensílio a ser revisitado pelo ouvinte. Assim, o autor, compreendendo a narrativa em seu entrelaçamento entre a fala e a escuta, encontra no mercado/ marinheiro o viajante que se abre a outras possibilidades e aventuras a serem narradas ao camponês sedentário. Mas como usam a língua para se contarem pela linguagem? Assim, como viajantes, mestiçados pelo encontro de outras culturas, diários de bordo se dizem por fala híbrida, tão presente nos trechos apresentados ao longo deste capítulo.

A Clínica Ampliada

Um portão muito alto separava os dois lados do mundo, e havia uma campainha que avisava a nossa chegada. Assim que o portão se abriu... minha respiração ficou suspensa por uns instantes... olhares e um silêncio mortal nos seguiam... só o meu olhar que não achava referência!

Dois lados do mundo... A Febem era quase que um outro mundo que precisaria ser desvendado. Um outro mundo instigante e ameaçador. Na busca de algo para nos sustentar e proteger, tínhamos como objetivo primeiro encontrar a referência de nosso olhar em nós mesmos, permanecendo atentos a cada uma de nossas sensações, formando como que uma *rede de cuidado*. E assim poder olhar para fora, caminhar, estranhar, surpreender-nos, percorrer cada vestígio, *investigar*...

O Plantão Psicológico na Febem foi constituído através da atitude de um cartógrafo e atenção de um clínico. Éramos *cartógrafos clínicos* num contexto em constante transformação. Somente uma prática psicológica socialmente inserida poderia acompanhar a instabilidade institucional, propondo uma ação clínica flexível a novas invenções. Dessa forma, o Plantão Psicológico acontecia como intervenção clínica contextualizada e engendrada a partir do encontro intersubjetivo criado por nossos olhares cartográficos na instituição.

a e.
inci
puc
rela
sigil
a aq
cois
Era
ao si

Chegamos lá alguns minutos mais cedo. A funcionária encarregada de nos encaminhar à apresentação ainda não havia chegado. Ficamos esperando no pátio. Lá, estavam cerca de meia dúzia de meninos... uns jogavam pingue-pongue, outros assistiam, outros lavavam seus pertences. Era uma manhã fria e, dessa forma, nos sentamos na parte do pátio onde batia o sol. Ficamos lá alguns minutos e ninguém se aproximou... meninos ou funcionários. Algumas vezes devolvíamos a bolinha de pingue-pongue que desviava até nós... mas nenhum contato era feito... nenhum sorriso ou palavra de um formal agradecimento... nada. Senti-me invasora! Às 10:20, minha supervisora estava impaciente. Acredito que eu também, não pelo atraso da funcionária, mas pela situação de exclusão a que estávamos confinados.

Em um lugar de vigilância e controle, con-vivendo a *exclusão confinada* de um estrangeiro, propusemos a inclusão de um espaço em que adolescentes e funcionários pudessem refletir sobre suas experiências sem a ameaça de relatórios, denúncias, críticas ou juízos de valor. Nosso sigilo e constância construíram a confiança necessária para a aproximação de adolescentes e funcionários, para que coisas pudessem ser ditas, regras pudessem ser contestadas. Era o momento em que ator instituído podia dar espaço ao sujeito que pensa, sonha, ama, odeia...

Ele falava das brincadeiras que faziam uns com os outros... algumas muito agressivas!!... outras que ele não entende e até fica sem jeito para contar! Estava se referindo às brincadeiras de toques... Nesses toques, eles chegam a acariciar o corpo do outro, mas sempre fazendo comentários engraçados e eliminando qualquer possibilidade de um desejo. Diz ele que não participa dessas brincadeiras... mas, também, nem comenta nada com ninguém. Frisou que se sente diferente dos demais. Acrescentou que até pode fazer as mesmas coisas que eles fazem "porque se eu não for igual... o mínimo deslize... sou mandado para o seguro!". Enfatizou o quão difícil é ter que deixar de fazer as coisas de que gosta para não criar problemas. Isso vai de uma simples roupa vestida... até o diálogo com os funcionários. Tudo é vigiado com os mínimos detalhes. Parecia se referir a essa situação de uma forma bem triste... angustiada... Chamou

minha atenção quando disse: "Eu não posso ser do jeito que eu sou... eu me obrigo a esquecer um monte de coisas para sobreviver!"

[...] E ele disse que, enquanto está conversando com alguma de nós, aproveita o momento para "esvaziar", para ouvir coisas diferentes, sentir-se ele mesmo... acha fundamental ter esse espaço (o plantão) e apoderar-se dele para que não perca o sentido das coisas.... sentido do mundo lá fora... do mundão!

O plantão se tornava um tempo para lembrar num espaço que obrigava a todos "*esquecer um monte de coisas para sobreviver*". A Febem escancarava a não-privacidade e o aprisionamento do sujeito em nome da sobrevivência de um ator institucional. Clinicar em tal contexto era também cuidar do privado no espaço público.

Uma coisa me chamou muito a atenção: a mudança dele quando está perto de outros meninos... Ele me pareceu ficar mau! Quando estávamos sozinhos, me falava como seria difícil não voltar para o crime... que ele sempre dizia que não voltaria porque era isso que as pessoas queriam ouvir... Mas, falando a verdade, ele não sabia o que iria acontecer. Quando os outros meninos se aproximavam... ele mudava o tom da voz!... e falava "é vou arrumar uma pistola e vou partir pra roubos maiores..." As coisas mudavam!, e ele já tinha a certeza da permanência no crime!

Parecer outro quando em grupo é um fato comum, ainda mais quando se trata de adolescentes. Mas clinicar inserido no cotidiano da unidade era a real possibilidade de comunicar nossa visão a respeito do fato, para que o sujeito pudesse compreender a forma como responde às mais variadas situações.

... Já estive em LA [Liberdade Assistida] e foi quando conversava com uma psicóloga. Disse que quando conversava com ela ele não era ele mesmo... tinha que fazer um tipo de "menino santo" para ela não escrever nada para o juiz. Perguntei a ele, com um tom irônico, se ele tinha voltado para a Febem por causa da psicóloga. Ele riu e disse:

— Não!... Foi por outro BO [Boletim de Ocorrência]!!!

Então, começou a falar das diversas condutas que ele tinha que seguir quando está na frente de uma ou de outra pessoa, do juiz, da psicóloga, da namorada, da mãe, etc... Nunca é ele mesmo.

– Será que esta não é uma atitude normal? Sabe, existe um animal que quando um agressor se aproxima ele...

– O camaleão, senhora?

– Sim, ele mesmo! Ele muda de cor... quando está numa árvore, fica da cor dela se acha que alguém vai atacá-lo!

Ele então começou a fazer as associações, dizendo que sabia o que determinada pessoa deveria e queria ouvir... e fala de um jeito que também respeita o modo de ser da outra pessoa (Ex.: Não falar com gíria para a mãe).

– E isto não é se tornar da mesma cor? Aqui na FEBEM mesmo. Quando vocês entram vocês têm que aprender a falar a linguagem daqui de dentro... e isso não seria se tornar da mesma cor?

– É verdade, senhora! Como o camaleão!!! Mas... e a minha cor?

– É... de que cor de fato a gente é, né?... Será que é possível saber?...

Quando chegavam a nós com “cores” semelhantes, ou seja, em grupo, ampliávamos o atendimento a todos, com o cuidado para não expor ninguém. Conduzíamos para a discussão de algum tema levantado pelos adolescentes. Assim, rodeávamos assuntos diversos, e clinicar era ampliar olhares de um grupo.

– De uma maneira ou de outra todos estão aqui pois estão devendo para a justiça! – disse um dos meninos.

– Justiça? Vocês devem para a justiça? Mas quem é esta tal desta justiça?

– O juiz!!!... é para ele que a gente deve!! – respondeu um outro.

– Pra ele? Mas o juiz é só a profissão do cata, ele está lá fazendo o papel dele.

– É, senhora, a gente deve para a sociedade, não para a justiça – pensou o primeiro.

– Pra sociedade... então eu me libero!! Eu também sou sociedade! – respondeu bem rápido um outro menino. E assim foi iniciada uma longa conversa sobre sociedade e liberdade... foi bem legal!

Em espaço público, os atendimentos também eram enriquecidos por fatos que aconteciam ao redor.

Um adolescente se aproximou. Está com o pé enfiado e começou a falar da dificuldade que teve para ser levado para o pronto-socorro. Segundo ele, demoraram três dias para o levarem. Acharam que ele iria fugir... ele ficou muito irritado com a desconfiança deles. Ficou criticando os funcionários, dizendo que eles são todos iguais, são maus e que não querem o bem-estar do menor. [...] Até que apareceu um funcionário que levou um copo de água e um remédio para que o adolescente tomasse. O discurso dele e a ação do funcionário foram muito contraditórios... a cena foi tão engraçada que quando os nossos olhares se cruzaram, não pudemos deixar de dar risada da situação.

Os funcionários trabalhavam em turnos, e os adolescentes poderiam ser transferidos ou libertados. Nem sempre encontraríamos os mesmos personagens do dia anterior. Essa não-possibilidade de um outro encontro fazia dos encontros no plantão momentos únicos para clinicar, encerrados naquele mesmo dia. Dessa forma, cada novo/outro encontro revelava uma clínica ampliada, criando outras formas de compromisso entre o sujeito e os outros ou entre ele e ele mesmo, desmistificando para nós a questão do vínculo da clínica tradicional.

Eis que um adolescente se aproxima de mim, não era nenhum daqueles que costumava se aproximar quando eu entrava no pátio.

Franzino, pequeno, mas rápido, não perdeu um segundo para dizer:

– Senhora! Aquela “japonesinha” não veio hoje?

– Não, né? Você está vendo ela por aqui?

– É que eu costumo falar com ela... quando quero conversar...

– Bem... Ela não veio... Você queria conversar com ela hoje?

– Queria... Mas como ela não está aqui... e... eu quero falar... vou falar com a senhora mesmo... mas... eu vou falar de onde eu parei de falar com ela... porque quero ir adiante... Não vou começar de antes... Se a senhora quer saber o que eu falei antes com ela... a senhora pergunta pra ela... Hoje eu vou daqui pra frente.

E eu, surpresa, sem ao menos saber o nome dele, passei a ouvir o que ele tinha para contar...

A confiança e constância de nosso trabalho tornavam toda a equipe como referência de cuidado, na qual o vínculo poderia existir. E o plantão mostrava como a possibilidade do privado (intimidade) podia ser respeitada no próprio espaço público.

Um dia, ao chegar na "gaiola", um funcionário se aproximou de mim e disse: "O Tabuada quer falar com a senhora. Acho que ele precisa hoje... ele recebeu a notícia da morte do pai."

Não me surpreendeu essa aproximação do funcionário, pois já havia percebido que Tabuada era um líder na "casa", gozando de estima por parte dos funcionários, pelo seu poder de negociação para apaziguar tensões entre adolescentes e "funças". De certa forma, fazia sentido, sendo ele o líder, escolher a mim, a "chefona" dos plantonistas, para conversar durante o plantão, falando de sua vida.

Assim que cruzei a grade da gaiola para o pátio, vi Tabuada encostado num canto, sozinho, mas com uma roda de meninos um pouco afastada perto dele. Ao me ver, Tabuada se aproximou e pediu para falar comigo. Não sei bem de onde, se por adolescente ou funcionário, uma cadeira apareceu para eu sentar, colocada no centro do pátio. Sentei-me enquanto Tabuada se agachou próximo aos meus pés. De cabeça baixa, com voz cortada, disse que seu pai havia morrido. Foram as únicas palavras que ele pronunciou pela próxima hora e meia. Sempre de cabeça baixa, fazendo rabisco com o dedo na terra do pátio, começou a chorar... chorar... chorar... E eu, sentada naquela cadeira, no centro do pátio de uma unidade da Febem, com adolescentes e funcionários todos ao redor, me mantive junto a ele em seu choro. Foi e continua sendo de uma intensidade muito grande a recordação dessa situação. Em um contexto tão público, de tamanha exposição, repleto de gente, o atendimento mais íntimo e privado que me aconteceu.

Foram tão grandes o envolvimento e a sensação de intimidade a dois, que quando chegou a hora de término do plantão e Tabuada se levantou, com os olhos vermelhos e bastante molhados, me agradeceu e se despediu, me dei conta de que estavam todos ali e eu nem havia percebido. Foi tamanho o respeito de adolescentes e funcionários pela dor de

Tabuada e sua necessidade de ficar junto a alguém que não houve nenhum cruzamento de pessoas durante a hora e meia em que ficamos juntos. O pátio parou de circular para dar a privacidade de que Tabuada precisava.

O tempo formador de confiança do plantão era a própria constância, construída através de uma forma de clínico coexistindo. É como se o plantão, para acontecer, precisasse também estar instituído no tempo e espaço da instituição. Os laços de uma tal co-existência eram construídos pela história dos "psicólogos da USP" com a Febem, pela história do plantão no tempo na instituição; tempo para que a palavra circulasse e, através dela, a confiança nascesse.

Rede de Cuidado

Mas, finalmente, entramos no pátio. Quer dizer, abrimos a porta, eu pus a cara ali e vi um pátio escuro, cheio de ladrão (desculpa!... foi essa minha impressão... por causa da estrutura do lugar... lembrou cadeia!). Uma apreensão que tomou conta do meu estômago... Mas passou na hora que a supervisora de campo falou: "Cola em mim." Fui andando ao lado dela... cumprimentei os meninos e comecei a me sentir mais à vontade...

Mas num tal jogo de imagens, que se cruzam e entrecruzam, que se perdem e se intercalam, tornou-se fundamental um cuidar ainda mais atento ao cuidador: alguém com mais experiência na instituição e não apenas na prática de Plantão, para que pudesse também estar inserido na situação clínica do pátio, mas prioritariamente debruçado aos plantonistas. Desse modo, constituiu-se o **supervisor de campo**. Transitando entre funcionários, adolescentes e plantonistas, ele articula seu fazer pelos olhos atentos numa visão ampliada por lente grande angular, oferecendo-se como cuidador para cuidar de cuidadores.

Estavam todos ao meu redor... e já não conseguia ver os outros plantonistas no pátio. Faziam uma porção de perguntas, falavam uma série de coisas... não conseguia ouvi-los! [...] Minha atenção estava completamente voltada em mim!!!... Não sei como, mas de repente apareceu a supervisora de campo!! Ela dizia para os meninos que eu não conseguiria ouvi-los dessa forma e pediu para que

fossemos ao banco, nos sentássemos em roda e aí sim eu poderia dar atenção a todos... Confesso que ainda estava com medo e não queria ficar só... quando vi, a supervisora nos levava para sentarmos junto com outra plantonista, que estava sozinha no banco ao lado do refeitório. Começamos então a conversar com os meninos... eu e ela!...

Coexistir nesse espaço público ampliava, também, nosso *setting*. Estar no pátio era, também para nós, solidão, medo, desilusão, rivalidade, perda. E a supervisão de campo se portava como um refúgio, um porto seguro, funcionando como um vértice na rede de cuidado instaurada por nós.

A importância da presença do supervisor de campo torna-se evidente quando se vive a experiência de estar em campo sem ele [...]. O supervisor de campo acaba ocupando o lugar de "quem cuida": além de dar plantão e cuidar de adolescentes e funcionários, cuida também da gente... Isso lhe dá um lugar diferenciado, e sua ausência deixa um vazio que é sentido pela equipe...

Assim como o plantão surgia como invenção, ser supervisor no campo criava formas de cuidado e atenção aos plantonistas. Era na situação de campo que ações de cuidado eram solicitadas: clinicar junto, entrar em rodas que cercavam, principalmente as plantonistas mulheres, para ajudá-las a saírem da situação de falação e pressão dos adolescentes. O supervisor de campo está em plantão no tempo e no espaço do plantão. Circulando pelo pátio, seus olhos desdobravam-se entre olhos dos plantonistas e as ocorrências da instituição. Ao notar algum sinal de um possível pedido de ajuda por parte dos plantonistas, aproximava-se, silenciosamente, dispondo-se como sua dupla, para poderem se experimentar plantonistas em meio a situações contendo valores e ações.

Estar no campo, com a equipe do plantão, não resguarda o supervisor de solicitações de adolescentes e funcionários. Nesses momentos, seu clinicar acontecia, mas esclarecendo que estar ali era como prioridade aos plantonistas, podendo interromper a conversa a qualquer momento. Muitas vezes, clinicava andando pelo pátio, dependendo da situação, para encaminhar essa pessoa aos plantonistas. Também aproximavam-se do supervisor alguns meninos com dificuldades para se dirigirem ao plantão, solicitando ajuda para se aproximarem.

Quando passava por cada uma das meninas, Catura se aproximou. Enquanto andava comigo, ele falava do quanto tinha ficado mal desde o último dia de visita. É que Catura descobrira que sua mãe na verdade é sua irmã... e dizia estar com raiva... mas muita raiva com isso. Conversei um pouco com ele... mas iam surgindo mais e mais coisas na cabeça dele que eu, andando no pátio, não conseguiria cuidar!!! Então disse algo assim:

– Jorge, eu estou vendo que você tem um monte de coisas para conversar... Já tentou falar com algumas das plantonistas? Acho que elas poderão dar maior atenção a você do que eu! Você não acha?

– É, senhora... eu tentei falar com a D. Fernanda... mas ela estava conversando com o mano lá.

– Veja, a Fernanda realmente está lá conversando com alguém... mas a Marina não!... Você prefere esperar a Fernanda?

– Não, não, senhora... Não tinha visto a Marina aí! Vou colar lá! Obrigada, senhora!

Próximo ao plantonista, o supervisor de campo era o olhar externo para as relações internas do pátio da unidade. Tal visão ampliada auxiliava o respeito e cuidado com a rotina da unidade, permanecendo atenta aos impasses e entrecruzamentos do plantão na instituição, como, por exemplo, fazer cumprir normas que se renovavam na inconstância institucional. As constantes mudanças da unidade solicitavam um olhar atento à rotina que se transformava a cada semana.

A unidade, nestes últimos dias, estava bem complicada!!! Era como se nossos limites estivessem sempre sendo testados!! Irritante!!! Agora a casa já estava completamente diferente, mas... tinha constrangimento no ar... e já não sabia como agir!!! Ficamos esperando, na "gaiola", a supervisora de campo conversar ou, talvez, negociar com os coordenadores de turno o melhor modo de acontecer o plantão. Achei até que naquelas condições não ia dar... Como os meninos poderiam chegar até nós se mal podiam circular no pátio?!!!!

Antes de entrarmos, a supervisora de campo disse de algumas normas que tínhamos que cumprir: permanecer sentadas e todas apenas em um lado do pátio. Disse ainda: "Quanto às regras impostas aos adolescentes... eles mesmos sabem bem delas. Não se preocupem!!"

Estávamos meio constrangidas... sei lá... mais quadradas talvez... regradas!!... Mas o plantão foi acontecendo!! Os meninos chegavam até nós circulando no pouco espaço que tinham... mas chegavam... às vezes era até uma situação cômica... trágica... mas cômica!

Sem perder o foco de que estávamos em um ambiente hostil, permanecer atenta ao campo significava, também, notar movimentos estranhos que indicassem que o clima estava tenso e decidir pela retirada (ou não) dos plantonistas do pátio.

A supervisora nos chamou para que saíssemos do pátio. Ficamos, um tempo, sentadas do lado de fora, sem entender o que estava realmente acontecendo!... Só tinham nos dito que um menino estava desde as 5 horas dentro do “banheiro das necessidades”; pois estava achando que iria ser levado de bonde, e não para o PS como os monitores estavam dizendo. Estar ali, do lado de fora, só ouvindo as vozes, foi angustiante; não sabíamos o que estava acontecendo e ficávamos imaginando as possibilidades... rebelião?... apenas uma forma de chamar atenção?...

Havia dois grupos de plantão, atuando no mesmo tempo e espaço: um destinado a funcionários e outro a adolescentes.⁴ Por um lado, essa forma de trabalhar viabilizava o acontecimento do plantão, por outro, reproduzia a dinâmica cindida da unidade. Dessa forma, a figura do supervisor de campo funcionava como uma quebra em modo instituído, já que ele circulava entre os plantonistas. Essa situação, aparentemente ambígua; de estar em ambiente de rivalidade e não escolher nenhum lado compreendida por todos na unidade, na medida em que tanto funcionários como adolescentes procuravam o supervisor de campo também para conversar.

Assim, o Plantão Psicológico, ampliando-se a todos os atores institucionais, recebia novas demandas abrindo possibilidades para ação clínica. A prática psicológica que também se revelava em forma de Supervisão de

Apoio Psicológico,⁵ oferecido para agentes de educação, técnicos e coordenadores de turno, tornou-se um espaço para acolhimento de questões e sofrimento, tanto pessoais quanto profissionais e situacionais, por parte de todos os atores institucionais. Compreendendo que tal supervisão se propunha a apresentar um olhar possível para as diferentes posições, garantindo o sigilo de cada um, empenharam-se em abrir-se ao diálogo entre si, possibilitando uma maior compreensão entre a maioria dos atores/personagens dessa instituição.

Quando a água do mar bate no rochedo, quem sai mais machucado? A água do mar que se quebra ou o rochedo que se desgasta, também perdendo sua forma? Nem a água do mar, nem o rochedo... O caranguejo que está entre os dois é aquele que se machuca mais...

Essa foi a forma encontrada por um agente de proteção para expressar o modo como ele se percebe dentro da instituição em que trabalhava. Ou melhor, assim parece todo o quadro humano da Febem, pintado por ele, mas reiterado por todos que se dispõem a realizar trabalhos ou empreender seu ofício nessa instituição: “caranguejos” internos, “caranguejos” educando, supervisionando, oficiando, dirigindo e disciplinando...

As supervisões eram encontros desse tal mar de “caranguejos” perdidos, sem apoio, entre a água do mar e o rochedo. Foram momentos de reconhecimento do outro como também caranguejo, e de possível aproximação, principalmente entre técnicos (psicólogos e assistentes sociais) e agentes de educação (psicólogos e pedagogos), antes com procedimentos e atitudes bastante divergentes entre si, levando-os a se abrirem à escuta entre todos aqueles que tinham maior contato com os adolescentes: agentes de educação e de proteção, que espelhavam nas relações institucionais o próprio maniqueísmo da sociedade para com esses atores de ato infracional:

A situação da supervisora, lá dentro, é complicada... Ela pipoca por todos... os meninos do Seguro, os Sangue-Bons, os “Funça”, e dessa vez teve até mãe!!... É muito interessante!... Todos a viam conversando com um e outro e... mesmo assim... todos se aproximaram dela!! Situação atípica num meio naturalmente persecutório... principalmente com a tensão aumentada... quando a desconfian-

⁴ A equipe de plantão foi uma decisão tomada por dois motivos principais: a rivalidade entre adolescentes e funcionários, indicando a existência de apenas um mesmo grupo aos dois; não havia cultura para a criação de um espaço para e por funcionários, pois, sendo a Febem voltada ao atendimento socioeducativo aos adolescentes, contava com o histórico de ONGs somente propondo trabalhos aos adolescentes, ou aos funcionários, desde que objetivasse exclusivamente o melhor desempenho aos adolescentes.

⁵ Ver mais detalhadamente a prática de Supervisão de Apoio nos Caps. VII e XIX.

ça aumenta ainda mais!! Só que, como ela mesma fala, aí a “cadeia pesa” para ela...

Transitando pela rede social instaurada na instituição, quando a “cadeia pesa”, perpasso por situações desalojadoras. Mas, são momentos como esses que nos re-voltam e nos movimentam à busca de significação do sentido de nosso fazer clínico: nossa prática. Porque se para nós, humanos, o sentido está adiante da vida, é em nome dele, do sentido, que o nosso tempo de humanos é percebido como um tempo sempre designado a algo: tempo do existir como acontecimentos a suportar, isto é, a acolher, a escolher, cuidar, para ser *psicólogo clínico como, onde e quando puder...*

UMA POSSÍVEL CLÍNICA CARTOGRÁFICA

Doeu ouvir aquilo. Doeou muito. Doeou profundamente... Choramos em silêncio, imersos naquela dor indescritível... Depois de enxugar aquelas lágrimas que não podiam aparecer ali, ele falou que estava se sentindo muito sozinho, pois nem com o pai podia conversar direito na visita — ele temia ser ouvido por algum outro menino.

Vigiados e contidos na dor, *a-riscados* a serem *riscados* do sistema, agentes de proteção e adolescentes formam o quadro humano do pátio da instituição, revelado pela real caricatura da interdição e exclusão. Nesse meio interdito, clinicar revela-se possibilidade de dizer. Essa situação real, da qual urge um sofrimento, é, para Barus-Michel (2004), o próprio campo de um trabalho clínico contextualizado.

De acordo com a autora, o clínico é requisitado por um apelo, nem sempre mudo ou incluído na dor, mas um enigma a ser investigado. O apelo dos personagens do pátio revelou-se pela interdição instituída da palavra. No pátio, estavam o desamparo e a solidão dessa organização, alastrados em e por todos os protagonistas, que compartilhavam aquele espaço público específico. Os atores que nele circulavam solicitavam um interlocutor externo à aniquilação instituída da “cultura-Febem”.

Em nome desse apelo, o Plantão Psicológico, a adolescentes e funcionários de pátio, pretendia uma ação dirigida mais apropriadamente ao que parecia ser solicitado. Isso porque, como prática psicológica, o plantão possibilita

o que Pagès (2001) compreende como um momento de “socialização da palavra”, tornando-a pública entre o narrar e o ouvir, embora tal publicização do interdito solicitasse o silêncio do sigilo e, dessa forma, podendo ser feita apenas por duetos.

O plantão encontrava-se como o sujeito **presente na**, embora **oculto da** instituição. Como “sujeito oculto”, transgredia não apenas a ordem do interdito, mas, também, o próprio modo instituído de como aconteciam relações, na medida em que circulava entre atores “rivais”, questionando um modo cindido de funcionar entre eles.

Na rivalidade do pátio, o plantão era compreendido por todos como o cuidado ao sofrimento humano. Mostrava-se como *interlocutor silencioso* que, por um lado, guarda sigilosamente a história de cada um, enquanto, por outro, sua presença escancarava a dor de *todos*, asilada em máscaras cuidadosamente criadas para sobreviver. Dessa forma, para funcionário ou adolescente, *seguro* ou *sangue-bom*, o plantão acontecia a todos no mesmo espaço e tempo, denunciando e tornando público o humano existente para e em cada grupo rival, subvertendo uma ordem instituída. E, de repente, percebíamos relações de cuidado ao outro na direção ao avesso do comum:

Uma agente de educação telefonou e recebemos a notícia da morte de um agente de proteção... foi assassinado com um tiro no meio da testa... esta é uma marca de queima de arquivo. Não se sabe se teve alguma ligação com a Febem, mas... tem como não pensar nisso?? Meninos e funcionários diziam que ele tinha um bom relacionamento com os meninos... tinha? com todos??? ... não dá para saber!! É muita violência... dentro e fora... Eu, minha coordenadora e os plantonistas dos funcionários fomos para a unidade... era um plantão “extra”. Estava preocupada com a reação dos meninos, já que estaríamos fazendo “regalia” aos funcionários... mas qual foi a minha surpresa?!... chegando lá, alguns se aproximaram e diziam: “Estão aqui por causa da morte do Sr. K... né?!... Fala lá com os funcionários, senhora, eles estão precisando mais do que a gente.”

Aparentemente bem instituídos, aproximavam-se com a narração e história, olhar e postura semelhantes. Era comunicação cartegada e fala extremamente explicativa, um dizer cheio de justificativas, para nada dizer ou pensar “o quê” e “como” é comunicado são tão semelhantes que

num primeiro relance, encontramos um único “quem”. Parece uma forma imprópria de falar: discursando o institucional, não há necessidade de compreensão. Esse falar, revestido de autoritarismos e verdades, que ninguém interroga, ao mesmo tempo em que os desapropria os protege, os situa:

Um menino chegou e puxou papo, dizendo que já estava cansado de ficar ali, que estava ficando muito triste, não sabia o que fazer para a tristeza passar. Eu perguntei quais eram os planos dele para quando ele sáísse e ele disse que queria estudar e sair dessa vida. Perguntei o que exatamente ele pensava em fazer e ele disse que queria trabalhar em qualquer coisa (“pobre não escolhe não, senhora”). Perguntei se ele achava que voltaria a roubar, e ele disse que se tivesse necessidade novamente roubaria. Discutimos que necessidade era essa (de ter um tênis bom, de marca), e eu fui jogando com o que ele estava me dizendo, e ele se contradizia, e reclamava que não sabia responder até que me disse: “A senhora está me dando uma surra nas idéias!”

Se essa fala, carregada e repetitiva, era uma maneira de desalojar-se, o plantão pretendia dar uma “surra nas idéias”: o desalojamento para que, voltando a essa falação, o fizesse com mais propriedade e autenticação, abrindo outras possibilidades de escolhas, um olhar mais ampliado de si e do mundo onde vive e/ou trabalha. Dessa forma, a *surra nas idéias* é o desencontro momentâneo com a “idéia” instituída, que não precisa ser compreendida, propondo-se como instrumento para a emergência de um dizer próprio, marcando sofrimento e desamparo da tamanha ausência de si por um tal pensar instituído.

Conversei com um funcionário, dizendo que o plantão para ele... é que ele não estava na hora da apresentação. “Por mim, não se preocupe, se quiser ficar só com os meninos não tem problema”, foi a resposta dele. “Eu não me importo, eu não existo.”

Retendo à perda de sentido e desordem das emoções, o sofrimento está, principalmente, na impossibilidade de se expressar em palavras, podendo, assim, compreender-se e lidar com o presente perante o inóspito causticante da vida. É nessa perspectiva que sofrimento pode ser a manifestação da perda de sentido (BARUS-MICHEL, 2001). Dizer-se,

através da “linguagem poética”, ou seja, aquela que não pretende explicar, mas busca o interlocutor em seu espaço de liberdade, é o modo como o sujeito poderia dedicar-se a esse *sentido*, possibilitando *encontrar-se* em sua própria historicidade, pelo fluxo de experiência como abertura ao que a ele se apresenta nas situações vividas (POMPÉIA, 2000).

Dessa forma, faz-se o que Barus-Michel (2004) nomeia como uma “clínica do sentido”. O trabalho clínico tem no sentido um fio condutor, “que é transmitido, que muda e desaparece, mas também pelo qual somos apanhados ou do qual nos apodetamos, que criamos ou perdemos, e que escapa a qualquer influência” (p. 9). Se o trabalho clínico é contextualizado, nosso *fio condutor* era o olhar cartográfico constante, no qual a prática acompanhava transformações do campo, nas quais o *sentido* coletivo constantemente se perde nos limites das cenas institucionais.

É nesse contexto que a prática psicológica em instituições demanda não se iniciar por uma cartografia, mas manter-se cartógrafo e, ao mesmo tempo em que inventa territórios, amplia seu olhar e intervenção para além do pedido inicial de ajuda, feito apenas por um ator institucional e, em geral, ocupando nela um lugar gerencial, abrindo brechas para que essa queixa primeira emergja por entre todos que constituem e são constituídos pela organização social, fazendo-se urgência demandatória de cada sujeito social.

Quem poderia imaginar que uma tal reflexão pudesse se apresentar por aqueles que, como cartógrafos, se deixaram tatuar pelos novos territórios, embarcando rumo à Febem, levando, como instrumentos à mão, apenas a discussão de um filme e de um conto? Tal forma de inaugurar a invenção da cartografia dizia, de modo simples, do olhar e do cuidado ao outro e a nós mesmos, fazendo-se uma possível via de acesso à compreensão da atitude clínica para clínicos em formação. Dessa forma, o filme *Instinto* e o conto *Laicidade* tornaram-se um “rito de passagem”, criado pelo Lefe a cada entrada de novos estagiários em outros/mesmo campo de trabalho.

Afinal, na investigação em ciências humanas, há uma relação especular, na qual “o clínico não é estranho àquilo que busca compreender e talvez não esteja senão à procura de si mesmo e de se surpreender através do que supõe diferente” (BARUS-MICHEL, 2004, p. 69). Como sujeito e ator social, o clínico coloca-se como interlocutor estrangeiro a ser afetado pelo campo e também dizer do clamor em suas próprias emergências e urgência, através das relações sempre inaugurais por sua intervenção.

Ainda na perspectiva de relação especular, nossa supervisão era como um jogo de “espelho mágico”,⁶ na qual a compreensão do vivido e sentido, através da narrativa da experiência cartográfica e clínica, construía e desconstruía os outros mesmos caminhos da prática. Nossos momentos de supervisão eram possibilidades para emergirem questões a partir de nossos olhares para fora e para dentro. Num entrelaçar de encontros entre o estrangeiro e nativo em nós, a supervisão nos colocava na justa medida de cada um: um viajante⁷ não-acidental. Através da ação especular pelo jogo de “espelho mágico”, cada olhar atento a nós mesmos dizia, ele próprio, de próprias nuances institucionais ainda não percebidas por nós em campo.

Por outro lado, quando o incômodo impregnava boa parte das narrativas durante a supervisão, colocando-nos como estranhos estrangeiros no mesmo outro campo e demandando uma interrupção do trabalho, dizia respeito a ir pelo avesso do “espelho mágico”. Afinal, “brincar” com espelhos em uma instituição coberta de ações e relações interditadas solicitava da supervisão um olhar acerca

da realidade ainda mais atento às interdições do grupo no próprio grupo. Percebemos que, nessas ocasiões, era como se um clamor não-silenciado urgisse em nós, sinalizando que outras cartografias precisavam ser inventadas, demandando uma ação clínica cartográfica para interromper nosso “encantamento”, capturados que por vezes nos encontrávamos na instituição. Foi desse modo que o próprio Plantão Psicológico foi se apresentando como ação clínica reveladora da necessidade de cada outra investigação cartográfica na mesma instituição, ou seja, ele abria a si mesmo como uma ação clínica cartográfica.

Cuidando de si, o Plantão Psicológico revelava o cuidado na e pela instituição, com respeito e compreensão pelo espaço de cuidado para o outro e para si mesmo. O cuidado para com nossa própria equipe mostrava, através de tais interrupções, o cuidar de ser como fundamental *para ser e estar com*. Espelhando no reverso, o momento do plantão tornava-se também o cuidado da instituição com ela mesma, já que cuidar da privacidade do outro era cuidar também de sua própria intimidade (AUN, 2005). Instaurava-se, mesmo que momentaneamente, uma rede de cuidado: uma atitude de solicitude entre todos, por todos e por cada um, a marcar-se como experiência vivida, em cada um dos personagens/protagonistas dessa prática.

⁶Supervisão como “espelho mágico” é proposta por Morato *et al.* (1999).
⁷Schmidt (1999) compreende o trabalho em instituição através de um diálogo do filme *O céu que nos protege*, que distingue o turista (pensa em voltar assim que chega) e o viajante (pode não voltar).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, ACL. Sobre a memória em Jacques Derrida. In: NASCIMENTO, E; GLENADEL, R. (org.). **Em torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 31-43.
- AUN, HA. **Trágico avesso do mundo: narrativas de uma prática psicológica em uma instituição para adolescentes infratores**. Dissertação (Mestrado). Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. 136p.
- BARUS-MICHEL, J. Intervir enfrentando os paradoxos da organização. In: ARAUJO, JNG; CARRETEIRO, TC. (org.). **Cenários sociais**. São Paulo: Escuta, 2001. p. 171-186.
- _____. **O sujeito social**. Minas Gerais: Edipuc-MG, 2004. 312p.
- BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. In: **Obras escolhidas**. V.I. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BURTIN-VINHOLES. **Dicionário: francês-português; português-francês**. 13ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1953.
- FIGUEIREDO, L. C. Sob o signo da multiplicidade. In: **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo: PUC-SP, n. 1, p. 86-95, 1993.
- _____. **Revisitando as Psicologias: da epistemologia à ética nas práticas e discursos da Psicologia**. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Educ, 1995.
- _____. **Questões ontológicas (e pré-ontológicas) na pesquisa dos processos de singularização**. São Paulo: 1997. 21 p. Mimeo.
- _____. Temporalidad y narratividad en los procesos de subjetivación de la clínica psicoanalítica. In: RVALETTI, ML. (org.). **Temporalidad. El problema del tiempo en el pensamiento actual**. 1ª ed. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1998. p. 271-282.
- _____. Cidade de Deus, tragédia brasileira. In: **Cadernos de Psicanálise**. Rio de Janeiro, v. 25, n. 16, p. 181-199, 2003.
- HOLZER, W. **Paisagem e lugar; um estudo fenomenológico sobre o Brasil do século XVI**. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 1977. 233p.
- LÉVY, A. **Ciências clínicas e organizações sociais**. Belo Horizonte: Autêntica; Fumeg, 2001.

- LOURAU, R. *Análise institucional e práticas em pesquisa*. Rio de Janeiro: Uerj, 1993.
- MORATO, HTP (org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- _____. Rede de apoio em saúde mental. Supervisão como aprendizagem: articulando novas significações (disciplina de pós-graduação). São Paulo: IPUSP, 2002 (comunicação oral).
- MORATO, HTP; SCHMIDT, MLS. Aprendizagem significativa e experiência: um grupo de encontro em instituição acadêmica. In: MORATO, HTP (org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, p. 117-130.
- MORATO, HTP *et al.* Supervisão de apoio psicológico: espelho mágico para desenvolvimento de educadores de rua. In: MORATO, HTP (org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, p. 177-186.
- PAGES, M. O sistema sociomental-hospitalar. In: ARAÚJO, JNG; CARRETEIRO, TC (org.). *Cenários sociais*. São Paulo: Escuta, 2001, p. 245-260.
- POMPÉIA, JA. Uma caracterização da psicoterapia. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*. São Paulo, nº 2000, p. 19-30, 2000.
- ROLNIK, SB. *Cartografia sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial*. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 1987. 188p.
- ROSA, JG. *Primeiras estórias*. 49ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1962. 236p.
- SCHMIDT, MLS. *A experiência nos meios de comunicação de massa*. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. 212p.
- SERRES, M. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 190p.
- SÉVIGNY, R. Abordagem clínica nas ciências humanas. In: ARAÚJO, JNG; CARRETEIRO, TC (org.). *Cenários sociais*. São Paulo: Escuta, 2001, p. 15-33.
- UNGER, NM. *O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1991. 94p.

QUESTÕES COMENTADAS

1) Como Diários de Bordo podem auxiliar uma prática psicológica em instituição?

R: Diários de Bordo são depoimentos rememorados e comunicados através de narrativas escritas. Um diário de bordo é feito por um protagonista disposto a compartilhar sua experiência, narrar sua biografia na prática, revelando-a ao mesmo tempo em que a si mesmo. Embora única, sua biografia contempla as diversas outras que a ela se entrelaçaram, e, desse modo, tal forma de registro transpassa um simples relatório descritivo; diz da experiência vivida de cada um.

Um diário imprime marcas dos vestígios do vivido pelo escritor, é narratividade, e, assim, o modo próprio do homem de se lançar, lançando-se de seu repouso em direção ao sentido de si mesmo, como ação de dizer: recuperam-se modos constituintes da subjetivação singularizada.

Como num jogo de espelhos, busca-se uma reflexão compreensiva do sentido operante nos autores/atores participantes do processo, partindo do próprio encontrar-se (experenciamento e elaboração da experiência) para comunicar o vivido como um acontecimento. Recupera-se o sentido da experiência através da palavra, também como forma de comunicação social e transmissora de saberes coletivos, através da qual a palavra circula sem enclausuramento da fala especializada (BENJAMIN, 1985).

O diário é um exercício cotidiano de escrever sobre o cotidiano. O diário restitui não o *como fazer* das normas, mas o *como* feito da prática. É o momento de escritura aberto para o singular, para a criação: uma mistura que aponta para a comunicação e diz de um "entrelaçamento entre observador e imagem,

nós e os outros, e da disposição estética das mútuas mudanças, resultantes" (MORATO *et al.*, 1999, p. 232).

Denunciador de angústias e momentos de desamparo na e da prática, o diário relata sentimentos e dúvidas provocados pela arriscada experiência do encontro. Assim, recorrer aos diários de viagens para reconstituir a experiência vivida da prática abre brechas para se mostrarem, em entrelaçares espelhados, também os lugares por onde protagonista/viajantes, deste e de outros tempos, passaram e as aventuras que viveram.

2) Qual a função do chamado *supervisor de campo* na prática psicológica em instituição?

R: O *supervisor de campo* é alguém com mais experiência na instituição e não apenas na prática, para que possa não apenas estar inserido na situação da na prática psicológica em instituição, mas principalmente e prioritariamente debruçado aos profissionais que nela atuam, no caso da prática explicitada no texto, os chamados plantonistas. Transitando entre os diversos atores institucionais, ele articula seu fazer pelos olhos atentos numa visão ampliada por lente grande angular, oferecendo-se como cuidador para cuidar de cuidadores.

São formas de cuidado e atenção aos plantonistas, possibilidade de ter, no campo, um refúgio, um porto seguro, funcionando como um vértice na rede de cuidado instaurada. O supervisor de campo está em plantão no tempo e no espaço do plantão. Circulando pelo pátio, seus olhos desdobram-se entre olhos dos plantonistas e as ocorrências da instituição. Ao notar algum sinal de um possível pedido de ajuda por parte dos plan-

tonistas, aproxima-se, dispondo-se como sua dupla, para poderem se experimentar plantonistas em meio a situações contendo valores e ações.

O supervisor de campo configura-se como o olhar externo para as relações instituídas, como visão ampliada que auxilia o respeito e cuidado com a rotina institucional e atenta aos impasses e entrecruzamentos do plantão na instituição, como, por exemplo, fazer cumprir normas.

3) Como a *cartografia* pôde auxiliar no *Plantão Psicológico*?

R: Somente uma prática psicológica socialmente inserida poderia acompanhar a instabilidade institucional, propondo uma ação clínica flexível a novas invenções. Dessa forma, o Plantão Psicológico acontecia como intervenção clínica contextualizada e engendrada a partir do encontro intersubjetivo criado por nossos olhares cartográficos na Instituição. O movimento do cartógrafo é de entrega para descobrir e inventar: não pretende estabelecer verdade, vive buscando alimentos para compor cartografias, descobrir afetos e criar linguagem e sentido em redes

de expressões mescladas, que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. E, num tear constante da reflexividade de nosso olhar com muitos outros, a instituição se desvela em cada gesto, em cada palavra, em cada sensação de incômodo ou constrangimento.

Nesse sentido, a prática psicológica em instituições demanda não se iniciar por uma **cartografia**, mas manter-se cartógrafo e, ao mesmo tempo em que inventa territórios, amplia seu olhar e intervenção para além do pedido inicial de ajuda, feito apenas por um ator institucional e, em geral, ocupando nela um lugar gerencial, abrindo brechas para que essa queixa primeira emergja por entre todos que constituem e são constituídos pela organização social, fazendo-se urgência demandatória de cada sujeito social.

A prática psicológica em Instituição constitui-se através da atitude de um cartógrafo e atenção de um clínico. Como *cartógrafo clínico* num contexto em constante transformação – a instituição e suas relações instituídas –, cada diário de bordo dava voz aos atores da prática psicológica, inventando novas cartografias tanto à prática como ao contexto ao qual estava inserido.